**Dentro da Favela o Ritmo é outro: Os processos artísticos de transgressão dos corpos de 150 a 170Bpm.**

SANTOS, Artur Vinicius Amaro; Graduando em Letras: Português – Literaturas/ UFRJ;

arturviniciusamaro@gmail.com

**RESUMO**

Em 30 anos do movimento funk, se considerarmos como marco 0 o lançamento do LP “Funk Brasil” produzido pelo Dj Marlboro, o ritmo tomou conta do Brasil. Nesses 30 anos, os beats passaram gradativamente a ser mais elaborados, as letras sempre envolvidas em metáforas e metonímias ficaram mais envolventes e trouxeram à tona uma outra discussão do corpo. Se meados dos anos de 2010, com a implementação das UPP’s, os bailes Funk sendo proibidos e o funk começou a tomar um rumo mais comercial, para fora da periferia, com a decadência delas e a retomada popular dos seus próprios territórios os bailes voltaram a acontecer. Assim, essa linguagem passou a versar sobre a sensualidade e o encarceramento que a Necropolítica do Estado exerce sobre esses corpos de outro modo: mais ácido, mais explícito. Mas nessa retomada os Bpm (Batidas por Minuto) do som que embalava as noites já não dava mais conta de expressar como esses corpos, em seus movimentos cotidianos, sobreviviam e resistiam a essas tensos entre vida e morte no cotidiano.

É então que a tendência de produzir Funk’s em 150Bpm surge no fim de 2015 e explode em meados de 2016, se tornando sucesso nacional e mudando o cenário do mercado da música brasileira. Mas esse sucesso se dá também pela força que o Baile da Gaiola teve enquanto discurso de promoção dessa aceleração, afinal, foi o baile da Gaiola, conduzido pelo Dj Rennan da Penha, que se deu sentido ao discurso desses corpos, mostrando sua potência. Nesse novo cenário, a periferia passa a produzir ritmos e sensações a partir das músicas em diálogo com esses sujeitos mostrando como esses corpos se relacionam com os atravessamentos dos territórios e resistem às imposições territoriais que tentam limitá-los. Obviamente que o 150Bpm, que já era tendência dentro das favelas muito antes de estourar nas rádios caiu no gosto popular e começou a produzir os grandes hits e os sujeitos que dominaram a cena. Mc’s com Kevin o Chris, Du Black e Cabelinho e os Dj’s Rennan da Penha, FP do Trem Bala e Iasmin Turbininha fizeram sucesso promovendo o 150Bpm e com isso a favela traçou novos rumos para voltar ao centro do fazer artístico do funk. Uma das precursoras nesse traçado de novos rumos foi a Dj Iasmin Turbininha, que chega então a 170Bpm, com versos mais agressivos e um ritmo ainda mais envolvente.

A presente comunicação pretende expor um pouco da trajetória do movimento 150 Bpm, mostrando como a centralização da potência artística das favelas se dá não apenas nas letras, mas na construção do ritmo e no trabalho de linguagem que mostra as pulsões que atravessam as noites nos bailes funk. A ideia é mostrar como, mesmo depois de ser levado às margens para fora da comunidade o ritmo acelerou e continua se mostrando como estratégia de linguagem para limitar o funk da favela, apenas ao espaço da favela, já que é dentro da favela que a Necropolítica age, mostrando que “Dentro da Favela o Ritmo é Outro”.

**Palavras-chave**: Funk; 150Bpm; Favela; Rennan da Penha.

**Referências Bibliográficas**

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura* [1949]. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação* / Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte* / Achille Mbembe ; traduzido por Renata Santini. – São Paulo: n-1 edições, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravotry*. Pode o subalterno falar?* [1942]. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.